



Balanço da produção recente no campo da História das Disciplinas Escolares: o exemplo das teses de doutoramento (Portugal, 2005-2015)

*The portuguese research in the field of History of School Subjects:
the example of doctoral theses (2005-2015)*

*La investigación portuguesa en el campo de la Historia de las Materias Escolares:
el ejemplo de las tesis doctorales (2005-2015)*

JOAQUIM PINTASSILGO¹; CARLOS BEATO²

Resumo:

Pretendemos realizar um balanço da produção portuguesa recente em História da Educação, tomando como exemplo as teses de doutoramento passíveis de inserção no campo específico da história das disciplinas escolares. Seleccionámos, para o efeito, o período delimitado pelos anos de 2005 e 2015. A história das disciplinas escolares é um campo consolidado no interior da investigação histórico-educativa, o qual possui uma fundamentação teórica sólida, um conjunto diversificado de fontes e uma certa tradição de pesquisa, no que se refere aos procedimentos metodológicos e à utensilagem conceptual. Num campo que atingiu uma certa estabilidade, e que podia correr algum risco de estagnação, procuraremos identificar os desafios que lhe estão a ser lançados, as abordagens que o procuram renovar e as tendências que se abrem à investigação futura, assumindo a especificidade mas também a exemplaridade de que se reveste este campo particular no conjunto da pesquisa em História da Educação.

Palavras-chave: História da Educação; história das disciplinas escolares; balanço da produção.

¹ Doutor em História pela Universidade de Salamanca. Professor Associado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. E-mail: japintassilgo@ie.ulisboa.pt

² Doutor em Educação pela Universidade de Lisboa. Membro da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. E-mail: carlosalbertobeato@gmail.com

Abstract

We intend to carry out a balance of the recent Portuguese production in History of Education, using the doctoral theses that can be placed in the specific field of history of school subjects as an example. For this purpose, we selected the period delimited by the years of 2005 and 2015. The history of school subjects is a consolidated field within historical and educational research, which involves a solid theoretical foundation, a diversified set of sources, and a particular research tradition regarding methodological procedures and conceptual tools. In a field that has reached a certain degree of stability, and that could have some risk of stagnation, we will try to identify its challenges, the approaches seeking its renewal, and the trends for future research, assuming the specificity, but also the exemplary, which this particular field contains within the research in History of Education.

Key words: *History of Education; history of school subjects; production balance.*

Resumen

Tenemos la intención de hacer un balance de la producción portuguesa reciente en la historia de la educación, tomando como ejemplo las tesis doctorales elegibles para el campo específico de la historia de las materias escolares. Hemos seleccionado para este propósito el período definido por los años 2005 y 2015. La historia de las materias escolares es un campo consolidado dentro de la investigación histórica y educativa, que tiene una sólida base teórica, un conjunto diverso de fuentes y una cierta tradición de investigación, en relación con los procedimientos metodológicos y las herramientas conceptuales. En un campo que ha alcanzado una cierta estabilidad, y podría correr un cierto riesgo de estancamiento, se trata de identificar los desafíos que se colocan, los enfoques que tratan de renovarlo y las tendencias que se abren a la investigación futura, asumiendo la especificidad, sino también el carácter ejemplar que ofrece este campo en particular de la investigación en historia de la educación.

Palabras clave: *Historia de la Educación; historia de las materias escolares; balance de la producción.*

Recebido em: agosto de 2016

Aprovado para publicação em: novembro de 2016

Pretendemos, com este artigo, aprofundar o balanço da produção portuguesa recente no campo da História da Educação, o qual temos vindo a desenvolver tomando como exemplo as teses de doutoramento elaboradas em universidades portuguesas ou sobre temas portugueses. Delimitámos, neste caso, o período situado entre 2005 e 2015. Este trabalho decorre da atividade que temos vindo a desenvolver no âmbito do *Standing Working Group* “Mapping the Discipline History of Education” integrado na *International Standing Conference for the History of Education* (ISCHE)³. Este balanço tem vindo a ser sucessivamente aprofundado, tendo os seus resultados preliminares já sido apresentados em diversos contextos⁴.

Aprofundaremos a análise já efetuada, tomando como exemplo um dos campos presentes num conjunto importante das teses elaboradas no período em questão e que nos tem interessado particularmente. A história das disciplinas escolares, que se articula fortemente com a história do currículo, é um campo consolidado no interior da investigação histórico-educativa, o qual possui uma fundamentação teórica sólida, onde se incluem, entre outros, autores como Chervel, Goodson, Kliebard, Chevillard, Popkewitz, um conjunto diversificado e estável de fontes e uma certa tradição de pesquisa, no que se refere aos procedimentos metodológicos e à utilização conceptual, a qual foi tendo como principais referências o conceito de cultura escolar e a tese da autonomia relativa das disciplinas escolares, entendidas estas como parte dessa mesma cultura. Num campo que atingiu uma certa estabilidade, e que podia correr algum risco de estagnação, procuraremos, no essencial, tentar identificar os desafios que lhe estão a ser lançados, as abordagens que o procuram renovar e as tendências que se abrem à investigação futura, assumindo a especificidade mas também a exemplaridade de que se reveste este campo específico no conjunto da pesquisa em História da Educação.

1. Pressupostos em que assenta a pesquisa e critérios de inclusão das teses no *corpus*

As teses de doutoramento constituem, na nossa opinião, uma excelente fonte para avaliar os desenvolvimentos recentes no interior de um campo disciplinar, designadamente no que se refere aos objetos de estudo delimitados, aos marcos temporais e espaciais definidos, às conceções teóricas que servem de base à problematização do referido objeto, aos conceitos a que se recorre, às opções metodológicas tomadas e às fontes de estudo convocadas para darem solidez empírica à investigação. Isto é assim porque as teses de doutoramento assumem uma certa exemplaridade no que diz respeito ao desenho e ao percurso da investigação. Elas representam um investimento de vários anos dos seus autores, são objeto de avaliação formal por investigadores seniores pertencentes ao campo e obrigam à explicitação das opções e instrumentos de pesquisa e à articulação entre teoria e dados empíricos. O produto final tem

³ Para se conhecer as finalidades e conteúdo deste projeto, pode consultar-se o seguinte texto: HOFSTETTER, R., FONTAINE, A., SOLENN, H., & PICARD, E. Mapping the discipline history of education. *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education*, 50 (6), 2014, p. 871-880.

⁴ Resultados preliminares foram sendo apresentados nas conferências de 2014 (Londres), 2015 (Istambul) e 2016 (Chicago) da ISCHE, no X Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, realizado em Curitiba em agosto de 2014 e no VIII Encontro Ibérico de História da Educação, realizado em Lugo em setembro de 2016. Foram igualmente utilizados nos trabalhos do IV Encontro português de História da Educação realizado em Lisboa em julho de 2015 e que deram origem à publicação seguinte: ALVES, L. A. M. & PINTASSILGO, J. (Coord.), *História da Educação: Fundamentos teóricos e metodologias de pesquisa: Balanço da investigação portuguesa (2005-2014)*. Porto: CITCEM – HISTEDUP – IEUL, 2015, sendo da nossa responsabilidade o capítulo “Balanço da produção portuguesa recente: o exemplo das teses de doutoramento (2005-2014)”, pp. 215-242.

que ter a marca de alguma originalidade e, finalmente, está muito presente nessas teses a influência dos respetivos orientadores, considerados, no seu conjunto, os representantes legítimos desse sector do mundo académico. Os balanços da produção são, assim, um exercício de absoluta necessidade para qualquer campo de pesquisa que aspire a um estatuto de cientificidade. O mapeamento e questionamento da produção, no seu todo ou em parcelas temáticas, é uma atividade fundamental para avaliar a qualidade e o sentido do trabalho que vai sendo realizado e, também, para delinear os percursos futuros da pesquisa.

Os balanços da produção têm, ainda, um outro significado e que remete para a questão da identidade do campo. A História da Educação é uma disciplina de fronteira, em particular entre a História *tout court* e as chamadas Ciências da Educação, mas sempre soube convocar outros olhares para melhor penetrar os seus objetos de estudo, designadamente (ainda que não exclusivamente) os oriundos da Sociologia, da Antropologia e da Filosofia. Este facto, embora tenha criado alguns problemas de natureza epistemológica, tem estado, em grande medida, na origem da enorme riqueza e diversidade das investigações produzidas. A referida diversidade não impediu a construção de traços de identidade partilhados, de alguma maneira, pelos autores que se inserem no campo, eles próprios com origens e percursos académicos diferenciados. Cremos, assim, poder-se falar de uma “comunidade interpretativa”, ainda que essa comunidade deva ser entendida como plural no que diz respeito às filiações teóricas, quadros conceptuais, abordagens metodológicas ou estilos discursivos. Os balanços de produção são, em síntese, uma excelente operação para refletir sobre a identidade da História da Educação enquanto campo de pesquisa e traçar os contornos de um *modus operandi* partilhado por um conjunto de oficiais do mesmo ofício.

Por estarmos conscientes da enorme diversidade e pluralidade do que iríamos encontrar, tanto no que se refere às produções como aos seus autores, mesmo que passíveis de inscrição num espaço simbólico comum, procurámos adotar critérios bastante abrangentes no que diz respeito aos objetos a serem incorporados no nosso *corpus* documental. O mais óbvio dos critérios tem que ver com o ano de entrega das teses. No caso, delimitámos o período compreendido entre 2005 e 2015, de modo a articularmos este trabalho com um de natureza idêntica realizado em 2005 e a considerar como baliza final o ano anterior ao da redação do presente texto. Um outro critério, agora a um outro nível, mais substancial, implicou considerar se as teses em questão incidiam sobre um objeto passível de ser incluído no terreno da educação, entendido este conceito num sentido muito amplo e pluridimensional. Em terceiro lugar, procurámos perceber se as investigações realizadas correspondiam ao que é específico no olhar da História, ou seja, o tomarem como central o vetor tempo e se, para além disso, seguiam o «protocolo» da investigação histórica, delimitando um dado intervalo temporal, recorrendo a fontes da natureza vária, algo distintivo no trabalho do historiador, e seguindo os procedimentos, que se pretendem rigorosos, os quais são a imagem de marca do ofício. Em alguns casos decidimos incluir uma ou outra tese no nosso estudo, por considerarmos que correspondiam aos critérios definidos, mesmo quando os autores afirmavam explicitamente que aquele não seria um trabalho de História da Educação. É esse o caso da tese de Francisco Romeiras de onde retirámos a seguinte afirmação:

Esta tese não pretende ser um trabalho de história da educação, mas antes uma tese de história da ciência, que se procura inserir nas correntes historiográficas mais recentes e que reconhecem que o ensino científico, a popularização e a ciência dificilmente se podem considerar realidades independentes. (ROMEIRAS, 2014, p. 1)

Finalmente, atendendo a um último critério de inclusão, propusemo-nos avaliar quais das teses por nós inventariadas poderiam ser inseridas no campo da história das disciplinas escolares ou, mais genericamente, no campo da história do currículo. Assumimos, à partida, que este é um exercício que não escapa a alguma subjetividade e que, em diversos casos, as opções a tomar colocaram-nos perante dilemas de difícil resolução.

2. A história das disciplinas escolares: breve referência aos fundamentos teóricos deste campo de pesquisa

As disciplinas escolares não são, na nossa ótica, o resultado de uma simplificação ou vulgarização de saberes de referência produzidos fora da escola e a ela (e nela) transmitidos. As disciplinas, bem como o currículo que as integra, podem ser consideradas, na linha da teorização de André Chervel (2006; 1998), como entidades que usufruem de uma autonomia relativa no âmbito da chamada cultura escolar, ela própria criação da escola, ainda que em interação com a cultura mais geral, e não o resultado de um mero processo de reprodução social. Reconhecendo as potencialidades heurísticas de um conceito como cultura escolar (JULIA, 1995), devemos igualmente estar conscientes dos riscos a evitar no seu uso, designadamente a sobrevalorização das permanências em detrimento das inovações, esquecendo o seu relacionamento dialético, ou a redução da pluralidade de culturas escolares (e de escola) a uma entidade cultural homogênea (BARROSO, 2004; VIÑAO FRAGO, 2007).

As disciplinas escolares não são redutíveis aos objetivos e conteúdos explícitos de ensino, tal como estão sistematizados em programas e manuais, nem aos valores e ideologias a serem veiculados junto dos alunos, preocupação central das primeiras investigações desenvolvidas no campo e que não perdeu, naturalmente, a sua pertinência. Nas disciplinas escolares devem ser incluídas, igualmente, as atividades pedagógicas dinamizadas pelos professores, bem como as interações pessoais desenvolvidas no contexto da sala de aula, para além das aprendizagens efetivas dos alunos. A este propósito, deve ser sublinhado o papel essencial dos atores, designadamente os professores, na construção de uma disciplina escolar.

O facto de assumirmos como ponto de partida a tese da relativa autonomia das disciplinas escolares, não significa que deixemos de ter em conta a complexidade das relações estabelecidas entre as disciplinas de referência e o saber ensinado (e também aprendido), para além das respetivas formas de mediação. A teorização de Chevallard e Johsua (1991), em particular o conceito de “transposição didática”, representa um contributo importante, ainda que polémico, nesse sentido, ao chamar a atenção para as distâncias, mas também as relações, existentes entre saber especializado, saber a ensinar e saber ensinado, reelaborações sucessivas de um saber que já não é o mesmo. A metáfora da “alquimia curricular”, proposta por Thomas Popkewitz (1998), procura, ainda que numa linha interpretativa bem diferenciada, dar conta desse mesmo processo, ou seja, da transformação sofrida pelos diversos saberes até chegarem a ser matérias escolares.

O pressuposto já enunciado não pode, da mesma forma, fazer-nos esquecer uma outra faceta importante das disciplinas escolares: a sua dimensão social. Ivor Goodson (2001, 1997, 1995) foi um dos autores que mais procurou questionar a aparente naturalidade das construções curriculares, ao defender que estas são o produto de uma construção social e política. O conteúdo das disciplinas escolares não é neutro nem indiferente ao que, em cada momento, é considerado conhecimento socialmente válido e legitimado como tal. Um dos aspetos mais interessantes do contributo de Goodson é o entendimento do currículo como um campo de disputas entre disciplinas (e respetivas comunidades de referência) pela conquista de território, *status* e recursos, o que permite compreender algumas das transformações aí operadas, designadamente o reforço da expressão curricular de umas disciplinas em contraponto com a perda de influência (ou mesmo o desaparecimento) de outras.

Vários autores têm chamado a atenção para a transformação operada nos alunos pelas disciplinas. Um dos mais enfáticos foi o já referido Thomas Popkewitz (1998), segundo o qual o conhecimento inscrito no currículo inclui um conjunto de regras e padrões que definem a maneira como pensamos, agimos, sentimos e falamos, para além do nosso olhar sobre o mundo e sobre nós próprios. Esse conhecimento transforma-se, por essa via, numa «tecnologia disciplinar» e numa forma de «regulação social» e tem implícita uma estratégia visando o «governo das almas».

Finalmente, não queremos deixar de referir o contributo dado para a história das disciplinas por um conjunto de autores, como Marc Depaepe e Frank Simon (2005), que se têm dedicado ao estudo da história da aula - “classroom history” - na busca de uma aproximação ao nível “micro” da realidade educativa, ou seja, às práticas desenvolvidas no dia-a-dia das escolas. Esta abordagem, em boa medida antropológica, tem contribuído para a valorização da materialidade escolar, algo decisivo no que se refere ao estudo das disciplinas escolares, e para um melhor conhecimento das estruturas e regras que governam o comportamento pedagógico na sala de aula e que assumem frequentemente a forma de rituais⁵.

3. As teses em história das disciplinas escolares no conjunto do *corpus* e sua distribuição por disciplinas

O trabalho que temos vindo a empreender está sujeito a permanente atualização. Embora a existência dos repositórios institucionais das principais universidades portuguesas facilite bastante, na atualidade, a pesquisa deste tipo de produções que, na maior parte dos casos, e em particular para os anos mais recentes, se encontram disponíveis *on line*, há, por razões diversas (por exemplo, inserção académica, orientador, título ou palavras-chave menos óbvias), sempre algumas que escapam a uma primeira tentativa de busca. Temos neste

⁵ Esta sistematização tomou como ponto de partida as seguintes publicações a que estamos ligados como autores: PINTASSILGO, J., TEIXEIRA, A., BEATO, C. & DIAS, I. C. (Org.). **A história das disciplinas escolares de Matemática e de Ciências:** Contributos para um campo de pesquisa. Lisboa: Escolar Editora, 2010; PINTASSILGO, J., TEIXEIRA, A. & DIAS, I. C. A história da disciplina de Matemática: abordagens teóricas, fontes e estudos (contributos para um campo de pesquisa). **Quadrante:** Revista de Investigação em Educação Matemática, XVII (1), 2008, p. 5-25; PINTASSILGO, J. História do currículo e das disciplinas escolares: balanço da investigação portuguesa. In PINTASSILGO, J., ALVES, L. A. M., CORREIA, L. G. & FELGUEIRAS, M. L. (Org.). **A História da Educação em Portugal:** balanço e perspetivas. Porto: Edições ASA, 2007, p. 111-146.

momento, para o período 2005-2015, referenciadas 109 teses. De entre elas, 38 podem ser incluídas no âmbito da história das disciplinas, se contabilizarmos aqui 7 teses sobre história do currículo, o que torna este grupo o mais numeroso no conjunto das teses, isto segundo os nossos critérios. Estes dados levam-nos a concluir que esta tem sido uma das linhas de pesquisa mais dinâmicas no panorama português tendo como referência a última década. Seguem-se os grupos que incluem as teses situáveis nas áreas da história das instituições educativas (com 34 teses) e da história dos atores escolares (com 29 teses). Apresentamos em seguida os quadros com a distribuição do conjunto das teses por categorias temáticas e a distribuição das teses de história das disciplinas por estas mesmas disciplinas.

Quadro 1 – Distribuição dos objetos de estudo por categorias temáticas

Categorias abrangidas	Quantidade
Currículo / Disciplinas	38
Instituições escolares	34
Atores educativos	29
Políticas para a educação	19
Biografias	11
Circulação e internacionalização	10
Género	07
Espaços e materialidades escolares	07
Educação colonial	05
Literatura	02

Quadro 2 – Distribuição por disciplinas

Disciplinas abrangidas	N.º teses
Educação Artística	07
Ciências Físicas e Naturais	07
Matemática	05
História	04
Educação Física	03
Filosofia	02
Português e Desenho	01
Português	01
Línguas Estrangeiras	01

Como podemos ver, as duas disciplinas mais estudadas neste período foram a Educação Artística (nas suas diversas vertentes e a que se pode acrescentar uma tese sobre o Português e o Desenho, totalizando 8 teses) e as Ciências Físico-Naturais (com 7 teses). Trata-se, em ambos os casos, de disciplinas pouco estudadas na fase inicial dos estudos sobre história das disciplinas (do final dos anos 80 aos primeiros anos do século XXI), em que foi dada prioridade à Educação Cívica, à História, à Matemática e, também, às Línguas e Literaturas. A Matemática e a História mantêm, no entanto, alguma relevância (com 5 e 4 teses respetivamente). Sublinhe-se, finalmente, o facto de alguns dos trabalhos inseridos nesta rubrica serem, igualmente, passíveis de inserção noutras categorias, como é o caso da tese de Francisco Romeiras, de onde foi retirado o excerto a seguir apresentado, que estuda dois colégios jesuítas, a par da revista *Brotéria*, tendo como interesse particular a história do ensino das ciências e da investigação nessa mesma área.

Baseada nas histórias do Colégio de Campolide, do Colégio de São Fiel e da revista Brotéria, esta tese foca-se, sobretudo, nas razões que levaram uma ordem religiosa a empenhar-se tão ativamente no ensino e na prática das ciências e no impacto que este empreendimento teve para a ciência em Portugal. (ROMEIRAS, 2014, p.iii)

Estamos aqui, pois, perante uma tese que pode ser inserida simultaneamente em pelo menos duas das categorias propostas por nós: instituições escolares; currículo e disciplinas.

4. Delimitação temporal

Um elemento muito importante é, naturalmente, o representado pelas balizas temporais definidas em cada uma das obras aqui em análise, algo essencial, como já notámos, nas investigações de natureza histórica. Não é fácil organizar e dar visibilidade a uma informação que é, por natureza, muito desigual. O quadro que a seguir se apresenta (Quadro 3) dá conta de algum esforço de sistematização dos dados relativos a esta dimensão.

Quadro 3 – Delimitação temporal

Delimitação temporal	Quantidade
Século XX	12
Séculos XIX e XX	08
Séculos XX e XXI	05
Séculos XIX e XXI	03
Séculos XVIII a XIX	01
Séculos XVIII a XX	01
Século XIX	01
Séculos Abrangidos	Quantidade
Século XX	29
Século XIX	14
Século XXI	08
Século XVIII	02
Duração	Quantidade
Longa duração (> 70 anos)	15
Duração intermédia (30-70 anos)	12
Tempo curto (< 30 anos)	04

A análise do quadro confirma as conclusões gerais já avançadas para o conjunto das teses, com uma ou outra novidade. Passamos a sistematizar as principais conclusões. O século XX é, de longe, o período mais estudado com 29 teses que o incluem, parcial ou totalmente, na sua delimitação temporal. Não há nenhuma tese para o período anterior ao século XVIII, o que não será de estranhar, se pensarmos que estamos a falar de disciplinas escolares (algo geralmente associado à modernidade escolar). Além disso, há um reduzido número de teses dedicadas ao século XVIII (duas, no caso). Há um número bastante considerável de teses (concretamente 14) que incluem o século XIX, embora, na maior parte dos casos, em associação com outros séculos, em especial o século XX, dedicando-se apenas uma exclusivamente ao século XIX. Encontramos 8 teses que alcançam o século XXI, o que

confirma a legitimidade atribuída à História do Tempo Presente (ainda que, na sua maioria, sejam estudos feitos na perspectiva da longa duração e não focados apenas nos anos iniciais do século XXI). Constatamos, na verdade, uma forte presença dos estudos que apostam na longa duração (15 teses, de acordo com os nossos critérios). Encontramos, igualmente, um número considerável de teses que delimitam períodos intermédios. Há um reduzido número de teses centradas no tempo curto (o que parece querer dizer que a longa duração, ou períodos intermédios, surgem, para os investigadores, como mais adequadas à investigação sobre as disciplinas escolares).

Há mais alguns comentários que se impõem. A maioria dos investigadores parece fundamentalmente preocupada com a definição de um quadro temporal que seja o mais adequado para dar resposta ao objeto de estudo delimitado e à problematização que lhe está subjacente. Não há, a esse respeito, opções que se apresentem, em abstrato, como ideais ou como as únicas possíveis. Isto é algo que nos parece muito positivo. Além disso, as temporalidades delimitadas têm por base, genericamente, marcos de natureza especificamente educativa e não outros que surjam como exteriores a este campo. Fica claro, em particular, que a quase totalidade das investigações não está presa a uma estrita cronologia política. O reconhecimento da autonomia relativa do campo educativo é algo partilhado no interior da comunidade. Vejamos um exemplo retirado de uma das teses que faz parte do nosso *corpus*:

Ficará desde já explicitada a ideia de que o eixo estruturante desta tese, em termos temporais, não se orienta por cronologias políticas. A posição genealógica em que me coloco leva-me a perceber que não são as mudanças de regime [...] que operam mudanças significativas no modo como se concebe a educação e o ensino das artes (MARTINS, 2011, p. 20).

Como vemos, a autora assume de forma explícita o seu distanciamento em relação a qualquer cronologia política e torna claro que isso resulta de uma opção teórica e metodológica, no caso a adoção de uma perspectiva genealógica inspirada em Michel Foucault.

5. Delimitação espacial

Em relação à delimitação espacial dos objetos de estudo, podemos organizar a informação tal como se apresenta no quadro 4.

Quadro 4 – Delimitação espacial

Delimitação Espacial	N.º teses
Nacional	25
Local	04
Ex-colónias	02

As disciplinas do currículo nacional são, do ponto de vista espacial, o objeto quase exclusivo das teses presentes no nosso *corpus*, o que nos parece problemático por dar conta da importância porventura excessiva que os olhares incidindo sobre a realidade nacional ocupam na nossa investigação. A dimensão internacional está quase ausente, sendo apenas representada pelas 2 teses dedicadas a territórios então ocupados ou administrados pelos portugueses (uma sobre

Moçambique e outra sobre Macau). Há 4 teses que delimitam o local como ponto de observação, aquelas cujo objeto de estudo são instituições (por natureza, locais). Um último comentário se impõe: não obstante o impacto que têm tido, nos últimos anos, designadamente na comunidade portuguesa, os contributos teóricos sobre as problemáticas da circulação ou das histórias conectadas, esse facto não conduziu à elaboração de um número significativo de teses em que o recorte espacial seja transversal às fronteiras políticas. Essa influência é mais visível na preocupação com as apropriações nacionais ou locais de modelos em circulação internacional, algo que se expressa num conjunto apreciável de teses.

6. Distribuição por tipos de fontes

Como é genericamente admitido, as fontes de pesquisa são algo essencial nas investigações de natureza histórica. Para além de marcarem, num certo sentido, a originalidade da pesquisa, o trabalho com as fontes faz parte da identidade do historiador. Pela sua diversidade, não é fácil categorizar as fontes utilizadas nas teses aqui em análise. O quadro 5 representa uma tentativa, que deve ser entendida como provisória, nesse sentido.

Quadro 5 – Distribuição das teses por tipo de fontes

Categorias de fontes	Quantidade
Documentação legislativa e normativa	27
Manuais escolares e outros materiais didáticos	20
Imprensa pedagógica, estudantil e especializada	20
Programas das disciplinas escolares e planos curriculares	18
Obras pedagógicas e de outras áreas científicas	17
Documentação de arquivo	15
Imprensa periódica	13
Documentação de instituições escolares	10
Correspondência	07
Imagens	07
Relatórios de professores e outros	07
Atas parlamentares	06
Fontes orais	05
Cadernos e trabalhos escolares de alunos	05
Literatura	04
Documentos memorialísticos / inquéritos	04
Estatísticas	03
Publicações políticas e religiosas	02

Quais as conclusões mais significativas que podemos retirar destes dados? Como podemos caracterizar a relação dos autores com as suas fontes? Começemos por destacar o facto de a maioria daqueles usar um conjunto muito diversificado de fontes, propondo-se fazer uma espécie de “triangulação” de dados. Como acontece no *corpus* mais geral, a documentação legislativa e normativa mantém a sua tradicional importância (mesmo em teses que buscam circunscrever novos objetos), embora sempre em articulação com outros tipos de

fontes. É necessário enfatizar, mais uma vez, o papel que um grande número de teses atribui aos documentos de arquivo, considerando os vários tipos de arquivos aqui referenciados (arquivo nacional, arquivo histórico da educação, arquivo histórico parlamentar, arquivos institucionais de diversos tipos, etc.), o que nos remete para a importância do arquivo no que se refere à identidade do historiador e na consideração do caráter especializado do seu trabalho. Uma novidade em relação ao balanço mais geral é a importância relativa aqui assumida pelos manuais escolares (usados em 20 teses), que surgem como uma fonte de eleição para a pesquisa em história das disciplinas, o mesmo acontecendo em relação aos programas curriculares. Como no conjunto das teses, a imprensa pedagógica, estudantil e docente surge como fonte num número considerável de teses (20, no caso). Tanto as fontes visuais como as fontes orais, embora presentes num número razoável de teses (7 e 5, respectivamente), continuam remetidas para uma certa marginalidade (mais acentuada aqui no que nos dados gerais), o mesmo acontecendo, por exemplo, em relação à literatura (4 teses) e à estatística (2 teses). A ideia do “arquivo” como uma construção do investigador está presente num conjunto amplo de estudos, disso sendo exemplo o excerto que a seguir se apresenta retirado da tese da já referida Catarina Martins, ilustrativo, ainda, da diversidade de fontes a que a autora recorreu:

É, portanto, nesta ideia de *arquivo* como espaço que só pode ser acedido mediante questões teoricamente construídas, que este trabalho se constitui [...]. Devo ainda advertir o meu leitor que as minhas fontes / documentos são de vária ordem. Textos legais, documentos institucionais, textos educacionais publicados na imprensa pedagógica, tratados diversos, relatórios de bolsiros, relatórios internacionais, monografias, fotografias, desenhos. Todos eles se constituem como o arquivo, com a positividade do dizível, do visível, do ensaiável. (MARTINS, 2011, p. 40)

Como vemos, a autora afirma, de forma inequívoca, a ideia de que o arquivo, no sentido que aqui lhe é dado, não é algo que preexista às questões teóricas que o investigador lhe coloca, mas sim algo que ganha vida em função dessas mesmas questões. A tarefa do historiador não é, pois, a de desvelar os segredos guardados pelo arquivo (embora isso seja necessário), mas antes penetrar no arquivo com uma orientação que lhe é traçada pelas suas perguntas, pela problemática teórica em que está mergulhado e, a partir daí, produzir um discurso em diálogo com as suas fontes, que só o são porque dão sentido a uma pesquisa concreta. Em alguns dos casos, os autores propõem-se mesmo criar os seus próprios instrumentos para organizar as fontes de pesquisa, designadamente bases de dados virtuais, como aconteceu na tese de Ana Paz a seguir referida:

Cabe ainda exprimir o modo como as principais dificuldades proporcionaram talvez as soluções mais originais desta pesquisa, nomeadamente o inventário de monografias sobre música e seu ensino, o repertório de artigos de pedagogia e a prosopografia de músicos bem-sucedidos em Portugal. (PAZ, 2014, p. 10-11)

Uma das grandes virtudes deste procedimento é o facto dessas fontes, por via dos instrumentos usados, passarem a ser disponibilizadas aos futuros investigadores que poderão fazer incidir sobre elas outros olhares, complementares ou mesmo alternativos.

7. Fundamentação teórica e opções metodológicas (um olhar a partir de alguns exemplos)

Na maioria das teses aqui analisadas os autores ou autoras reconhecem a necessidade de uma fundamentação teórica adequada e articulada com a pesquisa empírica. São casos excepcionais as teses em que predomina um registo puramente descritivo. Também não encontramos teses que possuam um perfil meramente teórico, o que talvez possa ser explicado pela própria tradição do labor historiográfico e pela centralidade aí assumida pelo arquivo e pelas fontes. Além disso, se há casos em que se invoca uma filiação teórica estrita, a maioria das teses dá conta de um certo ecletismo ou hibridismo, sendo de salientar o pluralismo teórico e metodológico que o conjunto das teses expressa. Se nos ativermos ao *corpus* aqui circunscrito, e relativo à história das disciplinas escolares, um dos traços mais marcantes é a forte presença das abordagens inspiradas em Michel Foucault, em particular no caso da Educação Artística, mas também na Educação Física, designadamente no que se refere, por exemplo, ao recurso a uma “perspetiva genealógica”, algo que não era tão visível nas pesquisas iniciais em história das disciplinas.

A presença da História Cultural, tal como é apropriada pela História da Educação, é igualmente significativa, estando o conceito de cultura escolar muito presente. É ainda de assinalar o facto de, na maior parte dos casos, ser visível que os autores procuram inspiração teórica, não num quadro de referência apriorístico, mas em contributos teóricos pertinentes e específicos tendo em conta o objeto de estudo delimitado. Encontramos um número igualmente significativo de teses que convocam explicitamente o contributo de outras disciplinas, em particular a Sociologia, a Filosofia e a Educação Artística. A importância atribuída aos atores escolares (em particular, os professores), em contexto de história das disciplinas, é algo a realçar num conjunto apreciável de teses. O estudo pioneiro de Lígia Penim (2008), dedicado ao Português e ao Desenho, chama-nos também a atenção para a necessidade de promovermos mais estudos relacionando duas (ou mais) disciplinas no âmbito de uma História do Currículo (D’ENFERT & LEBEAUME, 2015).

Há várias teses, algumas delas particularmente interessantes, inseridas em História das Ciências, mas em que a História da Educação está claramente presente (mesmo quando isso, como vimos, não é assumido), em articulação, em alguns casos, com outras áreas. Um bom exemplo é a tese de Daniel Marques (2015) que consegue pôr em diálogo a História das Ciências, a História das Instituições, a História Política e a História das Disciplinas Escolares. Nessa conformidade, é prestada uma atenção particular às problemáticas da “circulação de saberes” e da criação de “redes de cientistas”. A ciência é aqui entendida como “um processo eminentemente comunicativo”, surgindo as “escolas de investigação” e as “comunidades científicas” como objetos privilegiados de análise (ROMEIRAS, 2014). A admissão do papel “inovador” ou “construtivo” do ensino em relação à investigação científica e a consciência da interpenetração entre saberes e poderes está igualmente muito presente nessa amostra (MARQUES, 2015). Vejamos, agora, alguns excertos, que procuraremos comentar a seguir, no sentido de ilustrar e aprofundar algumas das ideias anteriormente apresentadas.

Pensar o devir da educação artística obriga-nos a fazer a história do seu presente. A perspectiva genealógica permite-me decifrar no presente linhas de continuidade nos modos de pensar a educação artística, mas também diferenças na sua configuração [...]. É numa tribo de autores bem delimitada que encontro a vontade e o impulso de escrever esta tese. Para este texto já foram arrastadas algumas das vozes que mais ligações me permitem na construção do meu pensamento. Cumpre-me agora explicar os modos como estas (re)desenham a minha cartografia de escrita/pensamento [...]. Em primeiro lugar, em Michel Foucault, encontrei uma primeira forma de abordar a investigação em torno de um dado objeto. (MARTINS, 2011, p. 12 e 26)

Ao colocar o génio no centro da minha investigação, firmei-me numa base teórica onde cindi, sob a figura conceptual de Friedrich Nietzsche (1844-1900), dois dos seus discípulos: Pierre Bourdieu (1930-2002) e Michel Foucault (1926-1984). Nestes três autores encontrei, sob formas marcadamente pessoais, uma mesma afinidade com a impressão de que urge desnaturalizar o que sempre se conheceu. (PAZ, 2014, p. 7-8)

Ao longo da presente dissertação, a abordagem contextualista da pedagogia das ciências, na linha de Olesko, é complementada pelas orientações historiográficas sistematizadas por Livingstone de modo a defender duas teses. Por um lado, argumenta-se que a criação de espaços próprios para o ensino e a investigação em zoologia e em botânica na EPL [Escola Politécnica de Lisboa] foi determinante para o desenvolvimento das duas disciplinas em Portugal durante o século XX; por outro, argumenta-se que a criação das duas cadeiras e a prática científica desenvolvida nas áreas mencionadas, permitiram ainda a alguns professores da EPL verem reconhecida a sua autoridade no plano político. (MARQUES, 2015, p. 8)

Esta abordagem biográfica e narrativa inspirou-se, em geral, nas perspetivas de Antonio Bolívar, Jean Claudinin e Rivas Flores e, especificamente, sobre a perspetiva narrativa em educação musical nos pontos de vista de Margaret Barrett, Sandra Stauffer e também de Jean Claudinin. (CUNHA, 2013, p. 5)

A compreensão histórica dos processos de construção da área curricular de educação artística constitui o cerne da dissertação [...]. Procurámos compreender o processo de *alquimia curricular* das disciplinas que configuraram a área, desvelando os modos como essa construção social foi indissociável do processo mais geral da

disciplinarização dos saberes e da difusão do modelo escolar [...]. A pesquisa articulou, no plano teórico, contributos da história do currículo e das disciplinas escolares, bem como de autores ligados às questões da mundialização da educação escolar. (DIAS, 2009, p. V)

Nos exemplos anteriores é reafirmada a necessidade de convocar os teóricos que poderão ajudar a iluminar uma dada pesquisa concreta no campo da história das disciplinas escolares, entendido aqui como plural. Sem reverência para com quaisquer figuras da autoridade, acrescentaríamos nós, mas antes com a modéstia intelectual que deve marcar a atitude do investigador, que se reconhece como parte de toda uma tradição de pesquisa da qual, em todo o caso, não teme distanciar-se, este é certamente um exercício obrigatório em qualquer trabalho académico.

O primeiro texto, retirado da tese de Catarina Martins, expressa uma das posições possíveis no que se refere ao papel da teoria na pesquisa, no caso o reconhecimento de que foi numa «tribo de autores» bem definida, cuja referência maior é Michel Foucault, que a autora se inspirou para desenvolver a sua investigação, na qual opta assumidamente por uma «perspetiva genealógica». Embora se filie nessa mesma tradição, vemos, no caso de Ana Paz, a preocupação de a interligar, em função do objeto de estudo, com outros contributos, neste caso em particular o de Pierre Bourdieu, para além da inspiração original em Nietzsche. Em ambas as situações somos confrontados com a necessidade de uma definição clara das finalidades das pesquisas, bem como das problemáticas que lhes estão subjacentes, de modo a fazer sentido convocar um ou outro autor, uma ou outra tradição, tendo em vista a adoção de um outro olhar, mais profundo e complexo, que nos permita abandonar um registo meramente descritivo ou superar as evidências do senso comum. Encontramos essa mesma preocupação em Daniel Marques, que procura fundamentar as teses que ousa afirmar convocando autores de referência do próprio campo de pesquisa em que se insere, a História das Ciências. Outro autor, Pedro Cunha, que recorre às abordagens biográficas para acompanhar as histórias de vida de educadores musicais no sentido que captar a forma como construíram a sua relação com a profissão, usa, natural e coerentemente, no seu estudo alguns dos autores que mais contribuíram para a consolidação dessa abordagem. Finalmente, o excerto de Maria Flor Dias, dá-nos conta da tentativa de conjugar a tradição mais específica da história do currículo e das disciplinas escolares, onde a autora vai buscar conceitos como “alquimia curricular”, com as teses associadas à difusão mundial da educação.

Globalmente, é de saudar o pluralismo teórico e metodológico que o conjunto de teses expressa. Essa mesma conclusão tinha sido retirada por Jorge Ramos do Ó num dos balanços precedentes: “A História da Educação é marcada por um enfoque pluridisciplinar, por uma eclética relação com a teoria e com as práticas de investigação. É neste pluralismo metodológico que, na minha perspetiva, se encontra a melhor das notícias que o acervo das teses de doutoramento encerra” (Ó, 2007, p. 56). Importa aqui assinalar a continuidade dessa tendência. Não há um modo legítimo de investigar em História da Educação. No exercício de delimitação de um objeto de estudo e de formulação de uma problemática, os autores são confrontados com opções que têm de tomar, em relação à fundamentação teórica e aos procedimentos metodológicos a seguir, e essas opções, embora umas sejam mais adequadas que outras, não estão marcadas pela inevitabilidade. Terá de se ter sempre a consciência de

que qualquer opção nos permite iluminar uma parte do objeto de estudo, nunca a sua totalidade. É um olhar, exercido a partir de um dado ponto de vista, conjugável à partida com outros olhares. A ambição científica deverá estar presente e ter expressão no rigor dos procedimentos, na honestidade intelectual com que se usam as fontes, na abertura para confirmar ou infirmar as nossas hipóteses ou pressupostos. Mas essa cientificidade não exclui a subjetividade inevitavelmente presente nas narrativas que vamos construindo a partir das nossas fontes e inspirados pelas nossas teorias. A consciência de que o discurso historiográfico é um discurso que constrói (ou reconstrói) uma determinada realidade ao mesmo tempo que a procura abarcar como objeto de estudo é algo que ressalta das pesquisas recentes aqui analisadas. Isso mesmo foi constatado pelo já citado Jorge Ramos do Ó: “Muito importante: estamos perante um construtivismo historiográfico que cria os objetos sobre os quais aparentemente apenas fala” (Ó, 2007, p. 157). Esta ideia traça os limites ao mesmo tempo que amplia os horizontes da autoria neste território de pesquisa que é o nosso.

Referências

ALVES, L. A. M. & PINTASSILGO, J. (Coord.). **História da Educação: Fundamentos teóricos e metodologias de pesquisa: Balanço da investigação portuguesa (2005-2014)**, Porto: CITCEM - HISTEDUP - IEUL, 2015.

BARROSO, J. Cultura, cultura escolar, cultura de escola. In FERREIRA, A. G. (Org.). **Escolas, culturas e identidades**. Coimbra: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2004, Vol. I, p. 103-111.

CHERVEL, A. **Histoire de l'enseignement du Français du XVIIe au XXe siècle**. Paris: Retz, 2006. <https://doi.org/10.14375/NP.9782725628028>

CHERVEL, A. **La culture scolaire: Une approche historique**. Paris: Belin, 1998.

CHEVALLARD, Y. & JOHSUA, M.-A. **La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné: suivie de un exemple d'analyse de la transposition didactique**. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1991.

D'ENFERT, R. & LEBEAUME, J. (Dir.). **Réformer les disciplines: Les savoirs scolaires à l'épreuve de la modernité: 1945-1985**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2015.

DEPAEPE, M. & SIMON, F. Fuentes y métodos para la historia del aula. In FERRAZ LORENZO, M. (Ed.). **Repensar la historia de la educación: nuevos desafíos, nuevas propuestas**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, p. 337-363.

GOODSON, I. F. **O currículo em mudança: Estudos na construção social do currículo**. Porto: Porto Editora, 2001.

GOODSON, I. F. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

GOODSON, I. F. **Currículo: Teoria e História**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HOFSTETTER, R., FONTAINE, A., SOLENN, H. & PICARD, E. Mapping the discipline history of education, **Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education**, 50 (6), 2014, p. 871-880.

JULIA, D. La culture scolaire comme objet historique. In NÓVOA, A. & JOHANNINGMEIER, E. V. (Eds.). The colonial experience in education: Historical issues and perspectives. **Paedagogica Historica**, Supplementary series, Vol. I, 1995, p. 353-382. <https://doi.org/10.1080/00309230.1995.11434853>

Ó, J. R. *Métodos e processos na escrita científica da História da Educação em Portugal: um olhar sobre 44 teses de doutoramento aparecidas entre 1990-2004*. In PINTASSILGO, J., ALVES, L. A. M., CORREIA, L. G. & FELGUEIRAS, M. L. (Org.). **A história da educação em Portugal: Balanço e perspetivas**. Porto: Edições ASA, 2007.

PINTASSILGO, J., TEIXEIRA, A., BEATO, C. & DIAS, I. C. (Org.). **A história das disciplinas escolares de Matemática e de Ciências: Contributos para um campo de pesquisa**. Lisboa: Escolar Editora, 2010.

PINTASSILGO, J., TEIXEIRA, A. & DIAS, I. C. A história da disciplina de Matemática: abordagens teóricas, fontes e estudos (contributos para um campo de pesquisa). **Quadrante: Revista de Investigação em Educação Matemática**, XVII (1), 2008, p. 5-25.

PINTASSILGO, J. História do currículo e das disciplinas escolares: balanço da investigação portuguesa. In PINTASSILGO, J., ALVES, L. A. M., CORREIA, L. G. & FELGUEIRAS, M. L. (Org.). **A História da Educação em Portugal: balanço e perspetivas**. Porto: Edições ASA, 2007, p. 111-146.

POPKEWITZ, T. S. **Struggling for the soul: The politics of schooling and the construction of the teacher**. New York and London: Teachers College, Columbia University, 1998.

VIÑAO FRAGO, A. **Sistemas educativos, culturas escolares e reformas**. Mangualde: Edições Pedago, 2007.

Teses de doutoramento em história das disciplinas escolares (2005-2015)

ABREU, A. G. F. **The contribution of Rómulo de Carvalho to Portuguese science education (1934-1974): a humanistic project?** Caparica: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2013.

AIRES, A. P. **O conceito de derivada no ensino secundário em Portugal ao longo do século XX: Uma abordagem histórica através dos planos curriculares e manuais escolares**. Salamanca: Facultad de Educación de la Universidad de Salamanca, 2006.

ALMEIDA, M. C. R. C. **Um olhar sobre o ensino da Matemática guiado por António Augusto Lopes**. Caparica: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2013.

ANDRÉ, R. H. **O ensino da História em Angola entre 1960-2012: Evolução, formação de professores e cooperação internacional**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014.

BEATO, C. A. S. **Os liceus e as ciências (1836-1860): Um estudo sobre o processo de criação das disciplinas de ciências físicas e naturais nos liceus portugueses**. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2011.

BRÁS, J. G. **A fabricação curricular da educação física: História de uma disciplina desde o antigo regime até à I República**. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 2006.

BRITO, M. C. R. S. **As disciplinas de desenho e de educação visual no sistema público de ensino em Portugal, entre 1836 e 1986: da alienação à imersão no real**. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2014.

CAVADAS, B. F. B. P. **A evolução dos manuais escolares de Ciências Naturais do ensino secundário em Portugal (1836-2005)**. Salamanca: Facultad de Educación de la Universidad de Salamanca, 2008.

COSTA, F. J. M. **Da Capo al Coda: Manualística de Educação Musical em Portugal (1967-2004): configurações, funções, organização**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

CUNHA, P. F. M. D. A. **Música bem temperada na escola: Narrativas de vida na construção da profissionalidade de um educador musical**. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2013.

DIAS, M. A. F. **Para uma genealogia da educação artística: História das disciplinas de Desenho, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Educação pelo Teatro na escola primária portuguesa, do primeiro quartel do século XIX a meados do século XX**. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2009.

DUARTE, A. **A história da educação física em Portugal: da implantação da República à aprovação da Lei de Bases do sistema educativo**. Salamanca: Facultad de Educación de la Universidad de Salamanca, 2015.

FERNANDES, S. C. M. **Formação dos professores de Matemática no sistema educativo português contemporâneo**. Salamanca: Facultad de Educación de la Universidad de Salamanca, 2009.

FERREIRA, M. S. P. I. B. **História da Filosofia da Educação em Portugal: dos programas de ensino ao campo disciplinar (1976-2006)**. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2014.

FRÓIS, J. P. **As artes visuais na educação: Perspetiva histórica**. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 2005.

GOMES, M. E. J. V. **Desenvolvimento do ensino da Física Experimental em Portugal: 1780-1870**. Aveiro: Departamento de Física da Universidade de Aveiro, 2007.

GUIMARÃES, F. **A Botânica nos manuais escolares dos Ensinos Primário e Básico (1.º Ciclo) no século XX em Portugal**. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2007.

HENRIQUES, R. P. **Discursos legais e práticas educativas: Ser professor e ensinar história (1947-1974)**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007.

LEAL, S. C. M. S. M. **A reforma curricular no ensino secundário (1999-2006): Transformações, tensões e dinâmicas na área do Português**. Ponta Delgada: Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, 2008.

MARQUES, D. B. C. G. **O ensino e a investigação em Zoologia e em Botânica na Escola Politécnica de Lisboa (1837-1911)**. Caparica: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2015.

MARQUES, L. P. P. **A alma e o engenho do currículo: História das disciplinas de Português e de Desenho no ensino secundário do último quartel do século XIX a meados do século XX**. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 2008.

MARTINS, C. S. S. **As narrativas do génio e da salvação: A invenção do olhar e a fabricação da mão na educação e no ensino das artes visuais em Portugal (de finais de XVIII à primeira metade do século XX)**. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2011.

NOGUEIRA, L. M. M. F. **A Filosofia no espaço escolar**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010.

OLIVEIRA, J. R. C. **O Ensino da Educação Física em Portugal: Difusão e implementação da ginástica Sueca em Portugal na primeira metade do século XX**. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2011.

PAZ, A. L. F. **Ensino da música em Portugal (1868-1930): Uma história de pedagogia e do imaginário musical**. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2014.

PINTO, H. B. M. **A matemática na Academia Politécnica do Porto**. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2012.

PINTO, O. M. P. R. M. **Educação e ideologia: Portugal, pátria de heróis: a figura histórica em contexto educativo (1926-1974)**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2013.

ROMEIRAS, F. M. S. M. M. **Das ciências naturais à genética: A divulgação científica na revista Brotéria (1902-2002) e o ensino científico da companhia de Jesus nos séculos XIX e XX em Portugal**. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2014.

SANTIAGO, A. E. E. **Evolução histórica dos problemas de otimização e o seu tratamento no Ensino Secundário português nos séculos XX e XXI**. Salamanca: Facultad de Educación de la Universidad de Salamanca, 2008.

SIMÕES, R. F. A. **Uma educação para a diáspora: Os territórios da educação de matriz nos manuais escolares para o ensino da língua chinesa editados em Macau (1884-1912)**. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014.

VIEIRA, H. I. V. **A disciplina de História no ensino técnico (1926-1973): Percurso entre a teoria e a prática**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2013.